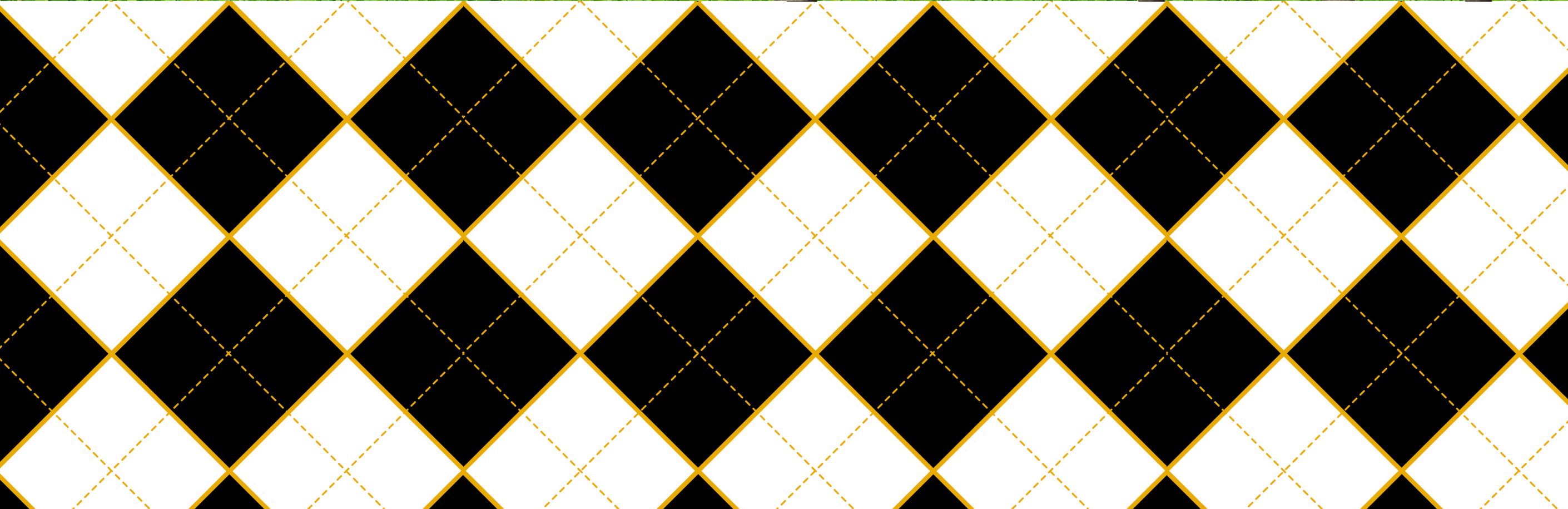
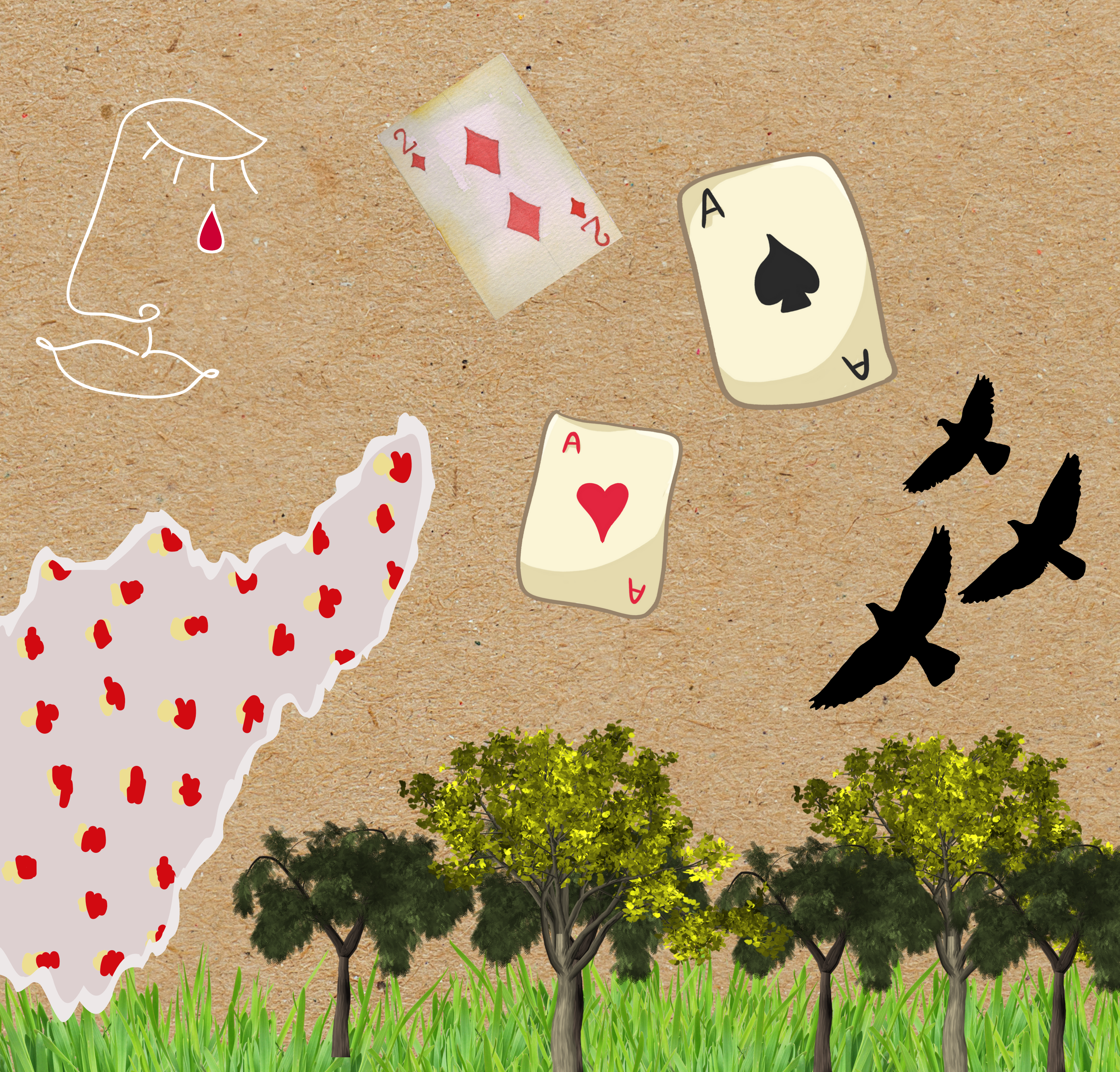
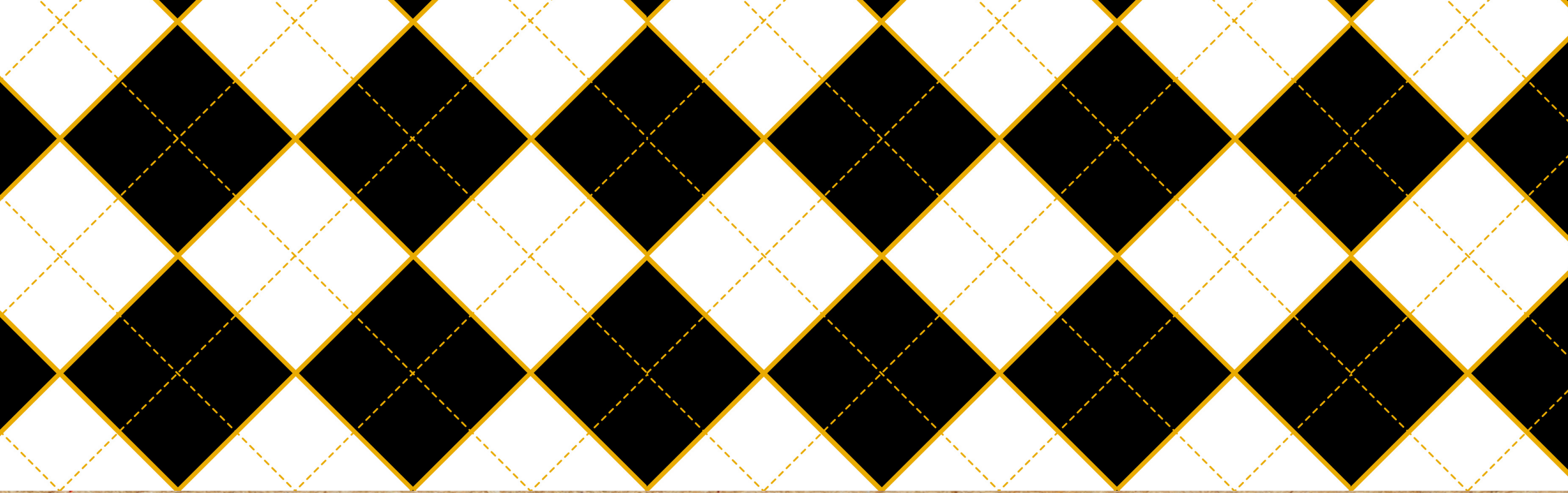




Sussurros das árvores

As árvores carregam em si enraizada sabedoria. Não é à toa que ficam tanto tempo no mesmo lugar, a escutar, a sentir, a absorver tudo que acontece nesta terra.

Naquela manhã, todas murmuravam entre as raízes e pelo balanço dançante das folhas.

— Ouvi seu cantarolar alegre enquanto vagueava por essas estradas...

— Eu bem sussurrei ‘Cuidado com o homem-lobo e seu esquisito chapéu de palha’!

— Fuja da Toca, Alice! Corra, Alice! Saia daí, Alice!

Sumiu em meio à mata do cerrado, num dia de sol e vento cansado. Deu sete da manhã e já foi, de bicicleta, levar os pães doces feitos pela avó, para vender no mercadinho do distrito.

— Cadê você, Alice? ALICE! ALICE! — clamavam os familiares, os vizinhos, os amigos.

O que aconteceu ninguém sabe. O que ela viu, só a imaginação responde.

Seguiu ela a garça branca que voava por aquelas estradas todas as manhãs?

Foi ela brincar com o gato selvagem que rondava o hotel esquecido da região? Já não era tão pequenina para se distrair tão fácil. Teria ela fugido de algo inesperado no meio do caminho?

As árvores ajudaram como podiam. Com suas folhas balançando com auxílio do vento triste, levaram as migalhas de pão no caminho dos homens e das mulheres que a procuravam. Pequizeiros, ipês, aroeiras, todos tremiam com a vibração do desespero.

Nenhum dos humanos parecia notar. O povo sofria demasiado com o sumiço da miúda.

As árvores ouviam os gritos e as lamúrias, só nada podiam fazer além dos sinais. Entoavam seus lamentos pelos sussurros das folhas e anunciavam o prenúncio de tempestade.

O povo não desistiria.

Era uma lástima que já não adiantasse mais.



Disco night

O céu acinzentado chuviscava gotinhas pequenas e leves por toda parte e o vento frio castigava a ponta do meu nariz e deixava meu cabelo voando para todos os lados. Aqui eu tinha cabelos castanhos e compridos, cheios de cachinhos. Eu me aproximava com passos inseguros, com a mão nos bolsos da minha jaqueta vermelho-vivo.

Era um amplo espaço pavimentado, com apenas uma tenda azul-céu no centro, que cobria o povo que dançava igual doido. E lá estava ela, do outro lado da tenda, numa roda de pessoas. Ela é quem eu vim encontrar. A mulher que me ensinaria a ser livre.

— Ah, que bom! Quase achei que você não viria. Você está atrasada!

Fiquei encabulada com sua reprimenda, mas dei de ombros, como se eu não me importasse. Jovens, velhos, crianças, todo tipo de gente participava de suas aulas. Mas era um grupo exclusivo e eu sabia, mesmo não sabendo bem como eu sabia, que se tratava de um grupo peculiar, só para os escolhidos.

— Então vamos lá! Você sabe que grupos de expressão ampliam a comunicação com o mundo interno e externo?

— É o que você veio fazer aqui hoje — ela me explicou didática e efusivamente.

Lá estava eu, tão atenta a suas palavras, que um barulho repentino à minha esquerda me fez dar um pulo e pôr as mãos no coração.

Um senhor de rosto enrugado e bem vivido dançava como um galho seco, segurando-se para não voar. Sua língua estalava a cada balançada, prestes a quebrar. E seus olhos de vidro se concentravam em mim, sem confirmação de que realmente me viam.

— Hoje, nós estamos dançando conforme o vento e a chuva — a professora disse, ignorando meu olhar assustado. — Portanto sejam o grito da tempestade, sejam a gota d'água que abraça o chão, sintam a conexão com a tenda, com a gente, com tudo a nossa volta... — ela falou, direcionando-se a toda a classe, em puro êxtase.

Engraçado que seu porte sério parecia não se encaixar com sua fala esfuziante. De qualquer maneira, eu estava aqui para aprender com a melhor e seguiria aquilo que ela me dissesse.

No decorrer da aula, todos começaram a dançar com movimentos mais e mais extraordinários. Uma menina se agachava como um sapo e, com a língua de fora, capturava gotas da chuva com a boca.

Uma criança dançava com um bambolê invisível e a cada mexida assobiava como o vento sinistro do lado de fora em noite de tempestade. Era tudo muito estranho para mim, eu não consegui me mexer no início, por mais que eu tentasse.

— Os outros já estão fazendo, vamos lá, não perca tempo se travando de dúvidas — ela disse, tentando me deixar à vontade para me expressar.

Respirei fundo várias vezes e assim eu dancei, transformando aos poucos meus braços em galhos, meu tronco em árvore, minha pele um casco antigo, com minhas raízes conectando-se a todos à minha volta. Abri meus braços-ramos em rendição. Minha boca ficou solta e meu corpo vibrava de energia. Dancei, dancei, dancei como uma árvore enfurecida.

.....

Na escuridão, eu acordei. Pela janela do quarto, eu me pus a observar a tempestade que dançava lá fora, entre raios e trovões, em coreografia feroz com as árvores.